Granja, Rafaela – Vera Duarte e Manuela Ivone Cunha (orgs.), *Violências e delinquências juvenis femininas: género e (in)visibilidades sociais. Configurações*, vol. 13, 2014, pp. 121-123

Vera Duarte e Manuela Ivone Cunha (orgs.), *Violências e delinquências juvenis femininas: género e (in)visibilidades sociais*, V. N. Famalicão, Húmus, 2014, 173 páginas

RAFAELA GRANJA*
CICS – Universidade do Minho

Violências e delinquências juvenis femininas: Género e (in)visibilidades sociais é uma obra coletiva, organizada por Vera Duarte e Manuela Ivone Cunha, que contribui para o desenvolvimento e expansão do debate sobre raparigas transgressoras ou em conflito com a lei. Conferindo enfoque à heterogeneidade de experiências, práticas e formas de envolvimento das jovens em práticas violentas e delinquentes, este livro explora as convergências e divergências entre os comportamentos de rapazes e raparigas, analisando como as suas dissemelhanças são moldadas por construções sociais e desigualdades de género. Ao mesmo tempo, a obra enquadra e problematiza a tão mediaticamente propalada assunção de que a delinquência feminina está presumivelmente a aumentar e a assumir contornos mais graves.

Entre os principais méritos desta obra destacam-se o seu carácter multidisciplinar; a confluência de artigos que, para além de apresentarem fecundos debates teóricos, apresentam uma ampla variedade de metodologias e técnicas de recolha de dados; e a convergência de estudos de diferentes contextos geográficos, designadamente Brasil, Cabo Verde, EUA e Portugal. A apresentação de contribuições fundeadas em diferentes países possibilita, por um lado, compreender os matizes de que o fenómeno se reveste em cada contexto e, por outro, iluminar os traços transversais e cenários comparativos que cada um destes enquadramentos traz à discussão. Em suma, esta conjugação de diversidades – de cariz disciplinar, metodológico e geográfico –, para além de se afigurar como central à compreensão em amplitude e profundidade do fenómeno em estudo, estimula análises dirigidas por diferentes perspetivas, que tornam o olhar do leitor sensível às diferentes gradações das violências e delinquências juvenis.

Contrariando a opacidade de que determinadas facetas da delinquência se têm revestido, outra das mais-valias desta obra consiste em analisar, através de diferentes abordagens, alguns fenómenos que têm permanecido parcamente explorados. Em particular, destacam-se três principais problemáticas associadas entre si: o envolvimento feminino em gangues; a influência dos contextos

* Doutoranda do Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho. Endereço de correspondência: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal | r.granja@ics.uminho.pt .

sociogeográficos na moldagem das práticas delinquentes; e as diferentes expressões da violência exercida por rapazes e raparigas. No que concerne aos gangues, salientam-se os textos da autoria de Miriam Abramovay e Marisa Feffermann e de Raquel Matos, Telma Almeida e Ana Vieira. O primeiro, baseando-se no contexto brasileiro, discute as particularidades do envolvimento feminino neste tipo de grupos e mostra como as relações entre géneros no seio dos gangues permanecem assimétricas, na medida em que a liderança feminina se resume às próprias raparigas e é hierarquicamente inferior em relação aos líderes masculinos. Estabelecendo pontos de contacto com o trabalho de Vera Duarte em Portugal (brevemente enunciado na introdução do livro), evidenciam-se as formas como raparigas envolvidas em gangues moldam e (re)constroem formas alternativas de feminilidade, ao mesmo tempo que reproduzem nas suas narrativas discursos e conceções tradicionais de género.

O segundo artigo, baseando-se em testemunhos de atores de instituições públicas e privadas portuguesas que se encontram envolvidos com problemáticas associadas à delinquência juvenil, mostra como estes elementos evidenciam desconhecimento e ambivalência face à existência, composição e dinâmicas dos gangues juvenis. A perpetuação de visões dicotómicas que, por um lado, perspetivam as raparigas como não violentas – logo, não passíveis de se envolverem em gangues – e, por outro lado, veiculam a conceção da delinquente feminina como mais fria, violenta e cruel do que os rapazes continua a marcar as representações dos participantes.

Estabelecendo linhas de continuidade com os artigos anteriores, o texto de Lorenzo Bordonaro explora os grupos juvenis masculinos de jovens *thugs* no bairro Brasil, na cidade da Praia, em Cabo Verde. Neste texto o autor mostra como os jovens *thugs* são a expressão de um modelo de masculinidade hegemónica que assenta nas noções de respeito, estatuto, defesa da honra, sentimentos de pertença e proteção, bem como de conquista e manutenção de território. Ancorando-se na análise das transformações socioeconómicas que têm afetado a sociedade cabo-verdiana e desconstruindo conexões simplistas entre pobreza, desemprego e criminalidade – mas não deixando de reconhecer as suas interpenetrações –, Bordonaro desmonta também noções de patologia associadas tanto ao bairro como aos seus habitantes e mostra o modo como não só o espaço doméstico mas também a rua se constituem enquanto espaços de socialização para os jovens nestes contextos particulares.

Também equacionando as dinâmicas subjacentes à concentração espacial da pobreza, o artigo de Maria João Leote de Carvalho analisa as práticas delinquentes protagonizadas por crianças entre os 6 e os 12 anos que residem em bairros de realojamento na área metropolitana de Lisboa. A autora discute como o exercício da violência é parte integrante dos espaços de socialização das crianças, pelo que o seu uso se evidencia como normalizado e enquadrado nas suas formas de conceberem as suas vivências e experiências quotidianas.

Explorando as diferenças e semelhanças nas formas de delinquência praticadas por crianças de ambos os sexos, a autora mostra também como as raparigas se direcionam maioritariamente para a delinquência de tipo aquisitivo e para atos ilícitos praticados na escola.

Por fim, destaca-se um outro conjunto de textos que discute as diferentes motivações e manifestações da violência. No seu ensaio, Jennifer Schwartz e Katie Clemons discutem como a diferenciação entre sexos assenta sobretudo no grau e no tipo de violência exercido. As autoras mostram que, enquanto a violência feminina tende a ser praticada em contextos privados, envolvendo membros da família, conhecidos e amigos, as práticas violentas mais danosas e graves são maioritariamente perpetradas por rapazes em espaços públicos, atingindo tanto vítimas conhecidas como desconhecidas.

Embora fundeado num contexto diferente, o texto de Sofia Neves também problematiza a alegada simetria de género ao nível da violência. Apesar de as taxas da frequência da violência no namoro heterossexual demonstrarem que indivíduos de ambos os sexos podem desempenhar o papel de vítimas e agressores, a autora mostra como uma análise qualitativa, atenta aos sentidos e significados imbuídos nas práticas, evidencia que a violência exercida por rapazes está associada a motivações diferenciadas das que caracterizam a que é praticada por raparigas. Estas tendem a praticar uma violência reativa ou retaliadora, que advém frequentemente de experiências prévias de vitimação.

Dialogando com os artigos anteriores, o texto de Margaret A. Zahn e Nicholas J. Richardson é particularmente fecundo para analisar criticamente o aumento das presenças femininas no sistema de justiça juvenil. Em primeiro lugar, os autores mostram que a diminuição da diferença entre a violência praticada por rapazes e raparigas, ao invés de decorrer do aumento da delinquência feminina, assenta antes na diminuição de violência grave exercida por rapazes. Em segundo lugar, destacam que a maior visibilidade das raparigas pode não se dever tanto a mudanças ao nível dos comportamentos femininos mas sim à forma como as punições que lhes são atribuídas se têm vindo a alterar, passando a cobrir práticas que anteriormente teriam recebido condenações menores ou não teriam sido alvo de qualquer sanção.

Ao debater as violências e delinquências juvenis através de uma leitura sensível ao género, esta obra tem como principal corolário a rejeição do binómio vitimação/transgressão. O fio condutor que se esboça entre os artigos confere clara visibilidade às fronteiras híbridas que podem existir entre o papel das raparigas como vítimas e o papel das raparigas como ofensoras. Apenas continuando a desbravar este caminho, que analisa a profundidade, densidade e diversidade das violências e delinquências juvenis e explora as especificidades das raparigas em vez de as mistificar em torno de estereótipos de género, é possível suscitar novos questionamentos e (in)formar debates tanto no campo da produção científica, como no domínio da intervenção.